

## **“Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública”**

### **CIÊNCIA E PODER: GESTÃO DO CONHECIMENTO EM BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE**

#### **RELATÓRIO**

O presente relatório apresenta o sexto encontro do ano de 2011 do “Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde”, promovido pelo Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHIS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília (UnB), com apoio da Direção Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ Brasília) e da OPAS/OMS/Brasil. Esta reunião do Ciclo tratou do tema “Ciência e poder: gestão do conhecimento em bioética e diplomacia em saúde”.

Palestrante: Ilma Noronha (ICICT/FIOCRUZ)

Debatedor: Pedro Urra (BIREME/OPAS/OMS)

Presidente de Mesa: Emir Suaiden (IBICT)

Data: 28 de julho de 2011

Local: Fiocruz Brasília

## Lançamento do site do NETHIS

Antes da palestra, houve o lançamento do site do NETHIS, com apresentação do Doutor José Paranaguá de Santana, coordenador do Núcleo. Ele apresentou a utilidade do site para aqueles que se interessam pelo estudo da inter-relação entre os campos da bioética, da diplomacia em saúde e da saúde pública. Neste particular, ressaltou que os trabalhos científicos do Núcleo partem, conceitualmente, da noção de *campo* elaborada por Pierre Bourdieu.

A seguir, falaram o Doutor Cláudio Lorenzo, pela UnB, e a Doutora Nísia Trindade Lima, pela Fiocruz. Doutor Lorenzo ressaltou que, embora haja entendimentos contrários, ele não vê a bioética ainda como uma ciência autônoma, mas como um campo epistemológico em construção e, por isso, é muito importante a iniciativa do NETHIS e, neste contexto, o seu sítio eletrônico. Além disso, Doutor Lorenzo ressaltou que no Brasil e na América Latina existe uma politização importante dos debates em torno da bioética, o que também exige seu estudo e compreensão aprofundados, que é o que o Núcleo se propõe a fazer. Por fim, a Doutora Nísia Trindade Lima, Vice-presidente de ensino, informação e comunicação da Fiocruz, saudou a iniciativa do NETHIS e a parceria com a UnB.

## Palestra

Inicialmente, o Presidente da mesa, Doutor Emir Suaiden, apresentou a conferencista e o debatedor. Contextualizou a discussão, referindo que o Brasil é o 13º país em produção científica, muito em virtude dos esforços da FIOCRUZ, da EMBRAPA e da BIREME.

A Doutora Ilma Noronha começou sua palestra ressaltando a importância para o SUS do acesso livre à produção científica em saúde. Saudou o NETHIS e a Fiocruz, a qual, em

Brasília, saiu da estatura de um escritório de gestão e assume uma postura de produção do conhecimento.

A palestrante contextualizou o desenvolvimento da Política de Saúde e da Política de Informação Científica em Saúde, em uma perspectiva histórica. Antes, deter informação significava poder; hoje se deu um salto qualitativo para valorizar o compartilhamento da informação. Segundo a palestrante, mais de 50% da informação científica produzida no mundo ocorre no campo da saúde. A trajetória da informação científica no Brasil, na sua história recente, foi influenciada pelo processo político da “abertura” democrática. Este processo começou com o problema da dengue nos anos 1970 e se fortaleceu com o movimento da reforma sanitária dos anos 1980.

Neste contexto, segundo a palestrante, foi importante a 8ª Conferência Nacional de Saúde, presidida por Sérgio Arouca, que reconheceu a saúde como um direito que deve ser de todos. O Ministro da Saúde da Época, Roberto Santos, apoiou a reforma. A 8ª Conferência adotou uma compreensão ampliada da saúde, não apenas como ausência de doença, mas como bem-estar. Além disso, não se trata mais de uma visão individual da saúde, mas também de sua percepção coletiva, social. Essa nova concepção trouxe o caráter intersetorial da saúde (economia, educação, agricultura etc.). Isso ampliou muito o campo da saúde. O projeto que saiu da 8ª conferência foi a construção de um sistema único de saúde – o que se tornou realidade com a constituição de 1988. E na constituição o acesso à informação também foi reconhecido como um direito.

A palestrante destacou que no Brasil, atualmente, vive-se o paradoxo de que, ao mesmo tempo em que a atual política científica nacional reconhece que a informação científica é um bem público e um direito de cidadania, o seu acesso permanece restrito, bem como o seu compartilhamento e uso permanecem limitados.

Segundo a Doutora Ilma Noronha, hoje, no Brasil, embora o acesso à informação seja um direito, sua efetivação ainda é um grande desafio. Ela criticou os critérios de reconhecimento do mérito científico, os quais, estabelecidos internacionalmente, não traduzem as particularidades brasileiras. Criticou a dependência brasileira às publicações estrangeiras.

De acordo com a palestrante, muito embora a pesquisa no Brasil seja desenvolvida no âmbito de um sistema público de saúde e seja financiada por recursos públicos, o seu acesso permanece restrito e, muitas vezes, só é acessível com altos custos para o próprio Poder Público que financiou a pesquisa.

Diante desse quadro, ainda segundo a palestrante, se discute a legitimação da produção científica brasileira e o reconhecimento dos pesquisadores dedicados aos problemas sanitários brasileiros. Isso foi debatido na 2ª Conferência Nacional de Ciência Tecnologia e Informação em Saúde – CNCTIS, realizada em 2004, em Brasília.

Para a palestrante, atualmente se passou a defender o acesso livre ou o acesso aberto aos periódicos científicos. Esses periódicos têm um impacto bastante positivo, porque dão grande visibilidade ao trabalho do pesquisador. Entretanto, há elementos culturais que ainda dificultam o avanço do acesso aberto, pois muitos pesquisadores preferem publicar nos periódicos fechados e mais badalados no meio científico internacional.

Ainda conforme Doutora Ilma Noronha, estudos indicam que a criação do portal *Scielo* não resolveu totalmente o problema da inclusão de pesquisadores brasileiros na comunidade científica internacional, pois brasileiros continuam citando brasileiros e estrangeiros continuam citando estrangeiros, via de regra. Em que pesem essas dificuldades, a pesquisa em saúde no Brasil continua crescendo. Editais específicos para pesquisa de doenças negligenciadas têm sido abertos no Brasil, por exemplo.

A palestrante concluiu referindo que o acesso livre no Brasil na área da saúde começou com a BVS. Foi criada a *via verde*, que se realiza com a disponibilização pelo autor de trabalhos seus sem avaliação por pares em um Repositório Institucional (RI) – sendo que a Fiocruz tem seu RI. Há, também, a *via dourada*, na qual há revisão por pares, mantendo-se o acesso livre. Não obstante esses avanços, no Brasil ainda há muito o que avançar em direção ao acesso livre.

Debate:

O debatedor, Senhor Pedro Urra, inicialmente saudou a todos e destacou o desafio da construção interdisciplinar proposta pelo NETHIS. Afirmou que a informação em si e as atividades de informação científica e técnica tem importante papel a cumprir para a construção da intersecção entre saúde, cidadania e cultura.

Segundo Urra, um dos desafios importantes apresentados pela palestrante foi o de desenvolver e consolidar os marcos epistêmicos de conceitos, valores e sentidos. Essa consolidação é importante para promover a saúde das pessoas.

Neste sentido, o debatedor destacou que hoje uma das funções essenciais da OPAS, mesmo no contexto do questionamento dos organismos internacionais multilaterais, é auxiliar na construção do conhecimento. Uma das funções da OPAS é desenvolver a saúde baseada em evidências científicas e na ética. Portanto, a bioética é um componente muito importante da saúde.

Pedro Urra apontou que as bibliotecas, sejam virtuais, sejam físicas, são espaços importantes para compartilhar o conhecimento e a informação. Além disso, o desenvolvimento da bioética no Brasil tem a ver com o contexto político democrático.

Após o debate, o Presidente da mesa destacou a aproximação entre as ideias da palestrante e do debatedor e abriu para o público perguntar e fazer considerações sobre as discussões do Ciclo.